

## **Música e Dança: percebendo os elementos que constituem uma estrutura rítmica**

Isabel Costa Willadino

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
labdadanca@hotmail.com

### **Abstract**

This study analyzes a didactic sequence focused on the learning of rhythmic fundamental basis developed with Physical Education students from UFRGS (Federal University of the State of Rio Grande do Sul, Brazil). The activities aimed at making the student sensitive to the importance of rhythm associated with movement, as a source for body control, space-time coordination and auditory acuity, which are fundamental to their future teaching practice. The technical literature considers rhythmic freedom versus metric awareness (Heller, 2003); dance as a knowledge field able to contribute to build one's own body perception (TAUBE, 1997). The pedagogic work is based on Tardif (2005). Communication will be able to contribute for de interdisciplinary debate on Music and Dance for the formation of Teachers.

Key-words: Music and dance, teaching-learning; perception and movement.

### **Introdução**

Ao ingressar no curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tanto os alunos que optam pela Licenciatura quanto os que escolhem o Bacharelado deparam-se com a disciplina Análise e Expressão Rítmica<sup>1</sup>, de carácter obrigatório, da qual desconhecem o conteúdo.

A disciplina visa sensibilizar o aluno para atividades rítmicas associadas a movimentos elementares, procurando fazê-los reconhecer os valores positivos

---

<sup>1</sup> A disciplina Análise e Expressão Rítmica é oferecida no 1º. Semestre do curso para a Licenciatura e o Bacharelado, com duração de 60 horas, a turmas de aproximadamente 40 alunos.

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

e negativos, a divisão dos compassos, os diferentes andamentos e dinâmicas e a composição de movimentos.

Sendo o ritmo um termo derivado do *fluir*, no seu primeiro e mais amplo sentido (Heller, 2003), através do corpo e do movimento procura-se promover no aluno a compreensão de como o ritmo pode interferir ou otimizar o processo de construção corporal. É importante que durante as aulas seja possível sensibilizar o académico de Educação Física para a importância do ritmo associado ao movimento, como fonte de domínio e expressão corporal..

O futuro professor deve perceber e compreender que a música provoca impulsos de ajustar o passo ao ritmo (Rodrigues, 2007), tanto para sua prática quanto para o exercício da docência, pois quando utilizada corretamente, a música contribui para o trabalho corporal. Segundo a autora, estes impulsos passam a ficar mais claros à medida que se exercita a escuta, porque “a escuta faz com que os códigos sejam procurados”.

### **A importância do ritmo no desenvolvimento corporal**

Segundo Heller (2003), à ideia original de ritmo enquanto movimento, foram acrescentadas as ideias de periodicidade e regularidade, possibilitando que o movimento regrado e medido induza o sujeito a uma concepção simétrica de tempo e espaço. O autor defende a ligação íntima da percepção de duração com o movimento e a mudança. Para ele, o importante é compreender como o fenómeno temporal e o perceptivo se relacionam. Por essa razão, encontro nas colocações de Heller a fundamentação para o trabalho realizado na disciplina.

O autor supracitado acredita que a liberdade rítmica pressupõe uma consciência métrica, pois apenas tendo uma consciência muito clara sobre a estrutura em que se encontra é que será possível mudá-la conforme as necessidades expressivas. Vai mais longe dizendo que a limitação que a divisão métrica impõe ao ritmo é apenas aparente, funciona como um sistema de equilíbrio entre estrutura e liberdade, entre disciplina e espontaneidade.

As ideias de Heller fundamentam minha prática, a partir do momento que compreendo e assumo a defesa de utilizarmos os estímulos musicais como

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

ferramenta e veículo de desenvolvimento corporal. Acredito que os graduandos devam desenvolver a atenção para os fenômenos percebidos, pois segundo Heller (2003):

a sensação rítmica é necessariamente uma vivência espontânea, é uma compreensão primeira, anterior a qualquer verbalização, uma organização do todo em função de uma intenção musical. O ritmo é uma compreensão primitiva do tempo que nós exercemos com o corpo, antes mesmo de representá-la com o pensamento” (Heller, 2003: 36).

Heller (2003) acredita que para podermos compreender o tempo na música é necessário que possamos distinguir o que é ritmo e o que é metro. Metro, segundo o autor, é medida objetiva e mensurável do tempo, ou o tempo cronológico, enquanto ritmo trata do movimento expressivo no espaço, que origina um tempo próprio.

### **Movimento**

Para Taube (1997) o ritmo é identificado pela alternância de impulsos possibilitando movimentos no tempo e no espaço e pode ser um auxílio na educação psicomotora, pois o movimento rítmico gera prontidão ao movimento, resultando em efetiva educação do gesto. A autora salienta que para os psicomotricistas a interpretação do sinal rítmico é fundamental na precisão da resposta rítmica. Sua detecção, interpretação e conseqüente resposta organizada via percepção geram harmonia, através da fluência que se torna possível e da economia de esforço. Além destes aspectos, é possível compreender que o ritmo motor é conseqüência de percepção, análise, ajuste de força, velocidade e dinâmica que caracterizam a ação motora.

Além de perceber elementos de estruturas rítmicas diversas, o aluno vivencia formas de exercícios locomotores associados às variantes de tempo, espaço e forma e elabora sequências de movimentos considerando os aspectos de tempo, espaço e dinâmica rítmica, buscando o desenvolvimento da criatividade individual e grupal. Acredito que mais tarde possa ser possível atingir a compreensão e a vivência da relação entre o movimento e sua expressão. A expressão é fruto da intencionalidade e de uma pré-intencionalidade que

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

coordenam harmônica e organicamente os movimentos. Essa intencionalidade pode ser obtida se chegarmos a uma compreensão mais ampla do movimento e da motricidade espontaneamente organizados. Trata-se do ato e o ato se atualiza através do corpo, através do movimento. (Heller, 2003) Ao movimento está ligada a ideia de mudança, de deslocamento no espaço e esse movimento, conforme vimos, já se inicia na intenção.

A expressão, segundo Heller (2003) encontra-se no movimento que é uma ação espacialmente estendida. Esta ação não está no tempo, é ela mesma o próprio tempo. Essa sensação temporal é a qualidade mesma do movimento e caracteriza-se como ritmo.

Precisamos compreender o ritmo como um fenômeno expressivo temporal e para tanto, é necessária a coordenação de variáveis como a sincronização com o estímulo sonoro, o deslocamento pelo espaço, a sequência de movimentos, os movimentos próprios e os dos outros (Taube, 1997).

## **Dança**

Segundo Taube (1997) a dança é uma área do conhecimento que permite a construção de noções fundamentais a respeito do corpo próprio, que não estão *a priori* nos sujeitos. Sua construção considera a ação sobre o objeto dança e o aprimoramento dos mecanismos desta ação. A partir desta consideração, torna-se claramente importante a construção do conhecimento teórico-prático que possibilite aos alunos indagar e vivenciar simultaneamente os elementos constituintes deste aprendizado.

Além disto, a dança está mergulhada na própria ação que é o objeto principal da atividade. Esta ação que chamamos Dança exige noções de espaço e tempo, e na disciplina em questão estas duas variáveis são o mote do trabalho, sendo que a música será o elemento regulador e estimulador da atividade. Taube (1997) define a ordem e a sucessão dos gestos no tempo e no espaço como os aspectos mais importantes para os movimentos em dança, e vai mais além, dizendo que os movimentos somente se transformam em dança quando tem combinados os elementos espaço, tempo e dinâmica. Pode-se dizer então que o ato de dançar é a "arte do tempo e do espaço". Ou ainda, como diz

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

Rodrigues (2007), a música e a dança formam uma unidade e participam da formação humana, buscando no aprendizado da dança a organização e regularidade que o tempo musical possibilita.

Para Rodrigues (2007), a música é essencial para o aprendizado da dança, pois o corpo entra em ação através da sincronia entre música e movimento e, dentre os elementos mais importantes para a dança estariam o ritmo, o pulso, os acentos que definem os compassos, a melodia e o caráter expressivo de cada música. A autora defende que as construções mais sólidas de dança ocorrem quando o ensino é permeado pela música. Acredita que a música pode ser o ponto de partida para o ensino da dança, pois pode ter o movimento provocado por ela, a partir dos seus efeitos sobre o corpo.

### **Prática docente**

Mas como dar início a este estudo se enquanto professora não sei exatamente onde os alunos se encontram? Não sendo o conhecimento musical um pré-requisito para o ingresso no curso, como saber que tipo de conhecimento, habilidade ou mesmo familiaridade os alunos possuem? E, vou ainda mais longe: como mobilizá-los despertando seu interesse pelos elementos da música que, a princípio, não correspondem à sua escolha como curso de graduação?

Valho-me então dos argumentos de Tardif:

o importante é compreender que as pessoas não são um meio ou finalidade do trabalho, mas a “matéria prima” do processo do trabalho interativo e o desafio primeiro das atividades dos professores (Tardif, 2005: 36).

Então enquanto princípio pedagógico, parto da necessidade de conhecê-los simultaneamente a contribuir para que tenham despertado seu interesse sobre os elementos que dizem respeito à música, ao ritmo e afins. A busca pelo conhecimento dos discentes corresponde à necessidade de interações cotidianas entre professores e alunos, pois sem interações, “a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia” (Tardif, 2005: 53). Mas para o autor, estas interações não acontecem de qualquer forma, mas formam raízes e se

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos.

Parto do pressuposto que, a médio prazo, devem ser capazes de perceber e identificar elementos diferentes em uma sequência rítmica. Entre estes elementos estariam o timbre, o compasso, o pulso, o ritmo, a melodia e o acento.

A atividade relatada a seguir, não aborda todos esses conceitos, mas pode começar a clareá-los de maneira dinâmica, contando com a percepção imediata e a compreensão, na identificação das propriedades e das transformações em uma estrutura.

### **A experiência**

As atividades propostas tiveram por objetivo sensibilizar o acadêmico para a importância do ritmo associado ao movimento, como fonte de domínio corporal, coordenação espaço-temporal e acuidade auditiva necessários à prática docente do futuro profissional.

No primeiro dia de aula, enquanto os alunos não conhecem nem a mim nem aos próprios colegas, não sabem exatamente do que se trata a disciplina, proponho que sentemos em círculo e, sem muitas explicações, começo a executar uma sequência rítmica ternária, composta por um estalo de dedos e duas batidas nas coxas. Então, pergunto-lhes o que ouvem. Normalmente descrevem exatamente como eu realizei. Sempre conversando a respeito e sem interromper a sequência, troco os elementos que produzem o som para, por exemplo, uma palma e duas batidas no solo. Então faço a mesma pergunta e eles novamente descrevem o que estou fazendo. A descrição em palavras já é uma forma de conceituar o que é visto e percebido auditivamente. Com estas perguntas pretendo que os alunos reflitam e expliquem o que ocorre nas sequências rítmicas apresentadas. Durante a nossa conversa, questiono-os a respeito do que mudou e do que ficou igual. Normalmente o que respondem é que o tempo é igual ao anterior, mas o som é outro, que a velocidade se mantém, mas que a qualidade do som mudou. Acredito que neste momento ocorra então a compreensão do papel do timbre nessa sequência.

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

Vou também fazendo experiências quanto à intensidade, velocidade, mas sem modificar o timbre ou a característica de compasso ternário. Acelero a estrutura toda e a mudança de velocidade é facilmente percebida; aumento e diminuo a intensidade e também é bastante claro para os alunos a natureza da modificação. Fazendo incidir sobre a mesma estrutura uma nova variável, a comparação das semelhanças e diferenças torna-se uma necessidade. Então, quando todos já reproduzem a sequência rítmica, solicito que pesquisem outras fontes sonoras, alterando o timbre. Quando já estão familiarizados com a sequência, acrescento mais um tempo, transformando-a em quaternária. Neste momento as dificuldades aparecem. A modificação no compasso dá aos alunos a sensação de que precisam reaprender tudo novamente. Levam um tempo e muita discussão até que percebam que houve uma alteração na métrica, que agora entre os acentos existem três tempos e não dois, como anteriormente. A perturbação causada pela troca de compasso provoca reflexões e reorganizações que auxiliam a compreensão dos conceitos trabalhados.

A partir dessa experiência, passamos a conversar sobre os diferentes compassos que serão abordados na disciplina: binário, ternário e quaternário. A seguir proponho que construam sequências diferentes entre si, em quaisquer dos elementos já vivenciados: timbre, intensidade, métrica e velocidade. Enquanto alguns alunos criam sequências, outros repetem o que já haviam feito. Discutimos os aspectos que constituem cada estrutura criada, procurando compreender o efeito e o papel de cada variável introduzida.

Com base nessa compreensão, os alunos não só identificam e criam estruturas diversas, como também passam a utilizar a nomenclatura adequada. É possível perceber, ainda na primeira aula, que há construção de conhecimento e não apenas uma apresentação da disciplina. Entendo que essa construção ocorre porque foi possível despertar o interesse dos alunos pela atividade e o conteúdo tornou-se significativo.

Utilizando os nomes dos próprios alunos, introduzo a melodia inserindo-a nas mais diversas estruturas rítmicas construídas, instigando-os a pronunciá-los de formas diferentes, mesmo em sequências rítmicas semelhantes. A partir dessa

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

experiência, é possível perceber que não é necessário alterar o ritmo a qualquer alteração melódica, que o pulso dita o ritmo, e que a melodia pode ser alterada com liberdade sem modificar a estrutura rítmica.

Esta atividade dura apenas uma hora e meia, mas possibilita-me compreender com que alunos vou trabalhar, qual sua base e interesse em relação à música, ritmo e suas propriedades; e a eles permite esclarecer alguns conceitos e compreender claramente do que trata a disciplina e quais serão os passos até atingirmos seus objetivos. A experiência é também um momento inicial de interação do professor com os alunos e dos alunos entre si, marcando de modo positivo os momentos de aprendizagem.

### **Considerações finais**

Foi possível constatar que os alunos que ingressam na Escola de Educação Física da UFRGS e matriculam-se na disciplina de Análise e Expressão Rítmica possuem as mais diversas experiências e familiaridades com a música e seus elementos constitutivos. O modo como a disciplina foi introduzida segue a lógica do próprio conteúdo de ritmo e movimento que, sem deixar de lado a percepção e o discernimento auditivo, encontra no fluir do tempo os desafios e os conflitos que promovem o conhecimento.

A sequência das atividades apresentadas levaram em consideração a transformação gradativa dos elementos musicais, que são inseridos como variáveis nas estruturas apresentadas. Inicialmente o timbre é salientado, sem alteração no ritmo, a seguir a intensidade e velocidade sem modificar o timbre; por fim, mudanças no interior da estrutura alterando o compasso pelo distanciamento entre os acentos. Merece destaque a importância da perturbação trazida pelo inesperado, transformando a atividade em um pequeno desafio que mobilizou o interesse pela aprendizagem. A sequência das ações mostrou-se produtiva também ao tratar da melodia, permitindo compreender a relativa independência que esta pode ter com relação à estrutura rítmica que lhe dá forma.

As intervenções do professor tiveram por objetivo provocar as primeiras conceituações sobre o tema, reconstruindo o movimento através de sua



Universidade de Aveiro, Maio de 2011

descrição oral. Outro tipo de intervenção teve como objetivo propiciar a comparação, a fim de propiciar aos alunos a eleição de algum parâmetro como critério dessa comparação. Assim, a discriminação e classificação dos elementos constituintes das estruturas rítmicas puderam dar lugar à compreensão, ainda incipiente, mas muito válida como início de trabalho.

Esta experiência mostra que no processo de ensinar e aprender o aluno enquanto pessoa é a matéria prima sem a qual não há docência nem realização profissional. As práticas sociais onde a docência encontra-se incluída são singulares e ganham sentido no seu próprio contexto. Mas acredito, com base em Tardif, que o saber docente quando refletido e analisado pode constituir-se como formação profissional. Compartilhar essa experiência pode contribuir para que colegas reflitam e analisem suas próprias práticas docentes.

### **Referências bibliográficas**

Heller, Alberto Andrés (2003) *Ritmo, motricidade, expressão: o tempo vivido na música*. Dissertação de Mestrado do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC: Florianópolis.

Taube, Margô Leni (1997) *Estudo qualitativo do desenvolvimento da capacidade rítmica da criança: ritmo espontâneo e ritmo métrico*. Dissertação de Mestrado do programa de ciências do movimento humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre

Rodrigues, Márcia Cristina Pires (2007) *O ensino aprendizagem em Dança na construção das noções de espaço e de tempo*. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio grande do Sul: Porto Alegre

Tardif, Maurice e Lessard, Claude (2005) *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Editora Vozes.

Universidade de Aveiro, Maio de 2011

**Notas biográficas**

Isabel Costa Willadino é mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, especialista em “Dança e Consciência Corporal” pela UGF-RJ (2007), e em “Dança” pela PUC-RS (2003). Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998). Dirige há 10 anos uma escola de Dança (Laboratório da Dança) na Cidade de Porto Alegre e por duas vezes professora substituta da Escola de Educação Física da UFRGS (2002 e 2010).